

# O UNIVERSO LETRADO DA IDADE MODERNA

Escritoras e escritores portugueses  
e luso-brasileiros, séculos XVI-XIX



Eliane Cristina Deckmann Fleck  
Mauro Dillmann (Orgs.)

**OKOS**  
EDITORA

**EDITORIA UNISINOS**

Eliane Cristina Deckmann Fleck  
Mauro Dillmann  
(orgs.)

*O universo letrado  
da Idade Moderna*

Escritoras e escritores portugueses  
e luso-brasileiros, séculos XVI-XIX



 EDITORA UNISINOS

2019

© 2019 – Editora Oikos Ltda.  
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau  
93120-020 São Leopoldo/RS  
Tel.: (51) 3568.2848  
contato@oikoseditora.com.br  
www.oikoseditora.com.br

Coleção *Estudos Históricos Latino-Americanos – EHILA*

Direção:

Maria Cristina Bohn Martins (Coordenadora do PPGH-Unisinos)  
Luiz Fernando Medeiros Rodrigues (Editor – Linha de Pesquisa Sociedades Indígenas, Cultura e Memória)  
Maira Ines Vendrame (Linha de Pesquisa Migrações, Territórios e Grupos Étnicos)  
Mariuza Marques Harres (Linha de Pesquisa Poder, Ideias e Instituições)

Conselho Editorial:

Eduardo Paiva (UFMG)  
Guilherme Amaral Luz (UFU, Uberlândia, MG)  
Horacio Gutiérrez (USP)  
Jeffrey Lesser (Emory University, EUA)  
Karl Heinz Arenz (UFPA, Belém, PA)  
Luis Alberto Romero (UBA, Buenos Aires, Argentina)  
Márcia Sueli Amantino (UNIVERSO, Niterói, RJ)  
Marieta Moraes Ferreira (FGV, Rio de Janeiro, RJ)  
Marta Bonaudo (UNR)  
Rodrigo Patto Sá Motta (UFMG)  
Roland Spliesgart (Ludwig-Maximilians-Universität München)

Editoração: Oikos

Revisão: De autores e autoras

Capa: Juliana Nascimento

Arte da capa: Fernando Ripe

Imagem da capa: *Ein zeichnender Knabe*, Nicolas Bernard Lépicicé (1735-1784), ólé sobre tela, 81,5 x 65 cm.

Diagramação e arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Rotermond

Os textos de pesquisadores e pesquisadoras de fora do Brasil seguem a escrita e as normas editoriais dos países de origem, mantidas nesta publicação.

US8 O universo letrado da Idade Moderna: escritoras e escritores portugueses e luso-brasileiros, séculos XVI-XIX. / Organizadores: Eliane Cristina Deckmann Fleck e Mauro Dillmann. – São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2019.  
504 p.; 14 x 21cm. – (Coleção Estudos Históricos Latino-Americanos – EHILA)

ISBN 978-85-7843-759-6.

1. História cultural. 2. História política. 3. História social. 4. Escrito histórico – Idade Moderna. 5. Escritor – Português. 6. Escritor – Luso-brasileiro. I. Fleck, Eliane Cristina Deckmann. II. Dillmann, Mauro.

CDU 930.1

Catálogo na publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

## Sumário

Prefácio .....	7
<i>Ana Cristina Araújo</i>	
Apresentação – Escritoras e escritores: sobre vidas, obras e pensamentos .....	13
<i>Eliane Cristina Deckmann Fleck e Mauro Dillmann</i>	
O <i>Espelho de casados</i> (1540) do Dr. João de Barros: concepções sobre as mulheres, o casamento e a relação conjugal na obra e na época .....	29
<i>Maria Antônia Lopes</i>	
Pelas letras dos profetas: D. João de Castro e “a fábula mística” portuguesa (1580-1603) .....	63
<i>Jacqueline Hermann</i>	
“Na arca do avarento o diabo jaz dentro”: a compilação de adágios de Antônio Delicado e a boa doutrina da vida comum (Portugal, século XVII) .....	90
<i>Luciana Mendes Gandelman</i>	
Jerônimo Mascarenhas: os ouvidos da rainha e a escrita do rei nos tempos de Felipe IV de Espanha .....	116
<i>Ana Paula Torres Megiani</i>	
A Apropriação e leitura das obras de Frei Luís de Granada na Europa Católica – Séculos XVI e XVII .....	133
<i>Célia Maia Borges</i>	
De Goa a Lisboa: o conde de Castelo Melhor e o sermão de um frade agostiniano na Índia (frei Simão da Graça, 1665-1667) .....	148
<i>Margareth de Almeida Gonçalves</i>	
<i>Desposórios do Espírito</i> , de Sórora Mariana do Rosário: a vida exemplar de uma possível escritora .....	177
<i>Ana Cristina Pereira Lage</i>	
<i>Rosas na caridade e lírios na mortificação</i> : o Jardim da madre Maria Benta do Céu e a ação assistencial das freiras do convento de Nossa Senhora da Conceição de Braga, na Idade Moderna .....	200
<i>Maria Marta Lobo de Araújo</i>	

Modelos de santidade no Período Moderno segundo o <i>Portugal ilustrado pelo sexo feminino</i> (1734) .....	228
<i>William de Souza Martins</i>	
O padre dominicano João Franco e suas instruções sobre enfermidades, agonia e morte (Portugal, século XVIII) .....	254
<i>Eliane Cristina Deckmann Fleck</i>	
<i>Mauro Dillmann</i>	
João Frederico Ludovice e a procissão de <i>Corpus Christi</i> de Lisboa no século XVIII .....	287
<i>Beatriz Catão Cruz Santos</i>	
Luzes intolerantes: Luís Antônio Muratori (1672-1750), Antônio Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), Luís Antônio Vernei (1713-1792), José Francisco Correia da Serra (1751-1823) e o mundo luso-brasileiro .....	314
<i>Guilherme Pereira das Neves</i>	
Antônio Pereira de Figueiredo (1725-1797). Trajetória de um católico ilustrado .....	342
<i>Evergton Sales Souza</i>	
<i>Nasce de novo a grande série dos séculos: a trajetória de</i> Francisco Vieira Goulart entre o passado e o futuro .....	368
<i>Lucia Maria Bastos P. Neves</i>	
Livros e leituras no universo letrado da infância e da adolescência, na transição da Primeira Modernidade .....	396
<i>Justino Magalhães</i>	
Mecanismos disciplinadores no processo de civilidade do sujeito infantil moderno: uma análise do tratado “ <i>O perfeito pedagogo</i> ” de João Rosado de Villa-Lobos e Vasconcelos (Portugal, século XVIII) .....	422
<i>Fernando Ripe</i>	
A (re)invenção da escola através dos sentidos: aspetos de Portugal e do Brasil na segunda metade do século XIX ...	450
<i>Helder Henriques e Kazumi Munakata</i>	
Vozes que gritam: Maria Adelaide Coelho da Cunha .....	472
<i>Alexandra Esteves</i>	
Sobre autoras e autores .....	495

## Rosas na caridade e lírios na mortificação: o Jardim da madre Maria Benta do Céu e a ação assistencial das freiras do convento de Nossa Senhora da Conceição de Braga, na Idade Moderna

Maria Marta Lobo de Araújo

### Introdução

O nosso estudo debruça-se sobre a obra *Jardim do Ceo plantado no Convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Braga*, da autoria da madre Maria Benta do Céu, religiosa do convento de Nossa Senhora da Conceição, da cidade de Braga. Esta obra foi publicada em Lisboa, na Officina de Manoel Coelho Amado, em 1766, e foi dedicada ao arcebispo bracarense D. Gaspar de Bragança (1858-1789) e à Virgem Maria. O arcebispo por tutelar o instituto religioso e ser cabeça da diocese e a Virgem Maria enquanto mãe protetora de todos os homens.

O referido convento inseria-se numa malha densa de instituições congéneres destinadas aos dois sexos existentes na cidade de Braga na Época Moderna. Surgiu na década de 20 do século XVII e teve como fundadores o cônego Geraldo Gomes e o seu irmão, o Dr. Fernando Gomes,<sup>1</sup> período em que era arcebispo D. Afonso de Furtado Meneses. O cenóbio estava situado extra muros e teve como primeira abadessa uma freira vinda do convento de Nossa Senhora dos Remédios, instituição feminina da cidade, fundada na primeira metade de quinhentos.

<sup>1</sup> A propósito da sua fundação leia-se THADIM, José Manuel da Silva. *Memórias de Braga*. vol. 1, fl. 54.

No convento de Nossa Senhora da Conceição, as religiosas professavam a Regra franciscana concecionista.

O estudo dos dotes das mulheres que integravam esta instituição possibilitou conhecer a sua proveniência geográfica e constatar que a maioria era oriunda de grupos sociais elevados, muito embora houvesse recolhidas de grupos sociais distintos.<sup>2</sup> Sabe-se que as famílias mais poderosas enviavam as suas filhas para os conventos dos Remédios e de Nossa Senhora da Conceição e que o montante cobrado por cada uma destas instituições condicionava a entrada e selecionava as candidatas<sup>3</sup>. As expectativas das mulheres pertencentes a grupos sociais menos favorecidos passavam pelo ingresso em instituições em que o dote era menos elevado, como acontecia em outros cenóbios.<sup>4</sup> O prestígio da instituição estava ainda associado ao facto de pelo menos duas das suas freiras terem saído para fundar outros conventos, um em Chaves, em 1716, e o de Nossa Senhora da Penha, na cidade, em 1727.

O nosso trabalho procura analisar na obra de Maria Benta do Céu a forma como esta escritora viu e sentiu a caridade praticada pelas religiosas no referido convento, seguindo duas linhas de estudo: a feita entre religiosas e a praticada com os pobres.

Os trabalhos sobre pobreza e assistência têm privilegiado a análise das instituições de assistência na ação desenvolvida em torno dos mais pobres, todavia, as fontes de que dispomos possibilitam entrar no mundo da clausura e analisar também a assistência entre iguais e a desenvolvida em torno da pobreza em geral.

<sup>2</sup> ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. "Dotes de freiras no mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Braga (século XVIII)". *NW. Noroeste. Revista de História*, 1, p. 127, 2005.

<sup>3</sup> A composição do dote era também variável. Segundo Ricardo Silva podia integrar propriedades, rendimentos delas ou ser ainda uma combinação de ambas. Leia-se SILVA, Ricardo. "Dotar para casar com Deus em Guimarães no século XVII". In: ARAÚJO, Maria Marta Lobo de; Esteves, Alexandra (coord.). *Tomar estado: dotes e casamentos (séculos XVI-XIX)*. Braga: CITCEM, 2010, p. 180.

<sup>4</sup> Para este assunto leia-se ATIENZA, Ángela. *Tiempos de conventos: história social de las fundaciones en la España moderna*. Madrid: Marcial Pons, 2008, p. 307, 319.

O convento de Nossa Senhora da Conceição só esmolava mulheres. A caridade praticada aos pobres pelas religiosas desta instituição deve ser entendida como uma parcela de auxílio aos mais necessitados da cidade, uma vez que nela operavam outros agentes, nomeadamente a Misericórdia, os arcebispos, o cabido, pessoas particulares e outras confrarias. Os estudos que recentemente se têm realizado sobre o movimento confraternal da Braga Moderna demonstram a linha assistencial de algumas confrarias, privilegiando sobretudo os seus membros, embora ajudassem também pessoas que lhe eram exteriores.<sup>5</sup> De facto, estão já sinalizadas várias dessas associações que durante a Idade Moderna ajudavam os seus irmãos doentes e os que eram encarcerados. Havia também quem distribuísse roupa ou entregasse uma esmola para a comprar. Na morte todas os socorriam, acompanhando-os. Acreditava-se que celebração de missas, de outros ofícios divinos e a oração contribuíam igualmente para a salvação da alma. De entre as confrarias as que abarcavam todas as almas e não apenas as dos seus membros eram as das Almas do Purgatório. Estas instituições tinham como principal objetivo resgatar as Almas desse local intermédio, almejando o resgate individual através da intercessão dos vivos, quer com celebração de missas, quer através de esmolas para as celebrar.

Era, todavia, na Misericórdia da cidade que os pobres encontravam uma esmola mais robusta e abrangente. Os trabalhos existentes sobre esta instituição quinhentista têm dado a conhecer o seu papel no auxílio aos mais necessitados, demonstrando com clareza o seu envolvimento no socorro aos doentes,<sup>6</sup> aos famintos, aos presos e cativos, aos mortos, aos órfãos e expostos,<sup>7</sup>

<sup>5</sup> ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. Na vida e na morte: as confrarias de Braga na Época Moderna. In: SERRANO MARTÍN, Eliseo, GÁSCÓN PÉREZ, Jesús (Eds.). *Poder, sociedad, religión y tolerância en el mundo hispánico, de Fernando el Católico al siglo XVIII*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2018, p. 865-882.

<sup>6</sup> CASTRO, Maria de Fátima. *A Misericórdia de Braga. A assistência no hospital de S. Marcos*, vol. IV. Braga: Santa Casa da Misericórdia e Autora, 2008.

<sup>7</sup> CASTRO, Maria de Fátima. *A Misericórdia de Braga. Assistência material e espiritual*, vol. III. Braga: Santa Casa da Misericórdia de Braga e Autora, 2006, p. 272-274.

aos peregrinos<sup>8</sup> e às mulheres.<sup>9</sup> Era a mais importante instituição de assistência a nível local, gozando de enorme prestígio e dispondo de avultadas verbas para investir na cura do corpo e na salvação da alma.

A assistência aos presos era uma das obras de misericórdia corporal. As Santas Casas gozavam da prerrogativa de entrar nos espaços carcerários para os limpar e prover os detidos pobres de alimentação. Faziam-no duas vezes por semana, de forma que os detidos pobres não morressem de fome. Assistiam-nos ainda na doença, corriam com o seu processo jurídico e, em algumas situações, distribuía-lhes também roupa. Como na Idade Moderna a carceragem era paga, a alimentação assumia sempre grande significado para todos os que se encontravam presos e tinham dificuldade em prover a sua alimentação.<sup>10</sup> Por isso, esta causa movia não apenas as Santas Casas, mas também pessoas particulares e outras instituições, como, por exemplo, algumas confrarias que investiam na libertação dos seus próprios irmãos.<sup>11</sup> Em Braga, após o terramoto de 1755, os jesuítas, do colégio de São Paulo da cidade, distribuíram esmolas aos presos das cadeias do Castelo e do Aljube, imediatamente a seguir à réplica do dia 13 do novembro,

<sup>8</sup> NEVES, Líliliana Andreia Neves. "Dar pousada aos peregrinos": a assistência fornecida pelas Santas Casas da Misericórdia aos viajantes, na região do Minho, durante a Época Moderna (século XVII-XVIII). Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, 2017, p. 115-122.

<sup>9</sup> MACHADO, Carla Manuela Sousa. *Entre a clausura e o século: o recolhimento de Santo António do Campo da Vinha sob a administração da Misericórdia de Braga (século XVIII)*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, 2014.

<sup>10</sup> Leia-se CARDOSO, Maria Teresa Costa Ferreira. *Os presos da Relação do Porto. Entre a cadeia e a Misericórdia (1735 a 1740)*. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto, 2014, p. 173-192. Da mesma autora consulte-se também *Os presos*. In: AMORIM, Inês (coord.). *Sob o manto da Misericórdia. Contributos para a História da Santa Casa da Misericórdia do Porto (1499-1668)*, vol. I. Porto: Santa Casa da Misericórdia do Porto, 2018, p. 236-254.

<sup>11</sup> A confraria de São Vicente, da cidade, auxiliava os seus irmãos que tinham sido detidos. SOUSA, Ariana Sofia Almendra de. *Os estatutos e a confraria de São Vicente de Braga no século XVIII*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga, 2011.

sentida na cidade.<sup>12</sup> Acreditava-se que a caridade ajudava a aplacar o descontentamento de Deus e o castigo divino aos homens.

No tocante à assistência feminina, a Santa Casa não apenas dispunha de um recolhimento, fundado nos finais do século XVI e colocado sob a sua direção em 1608, quando o seu instituidor faleceu, como conheceu uma grande atividade na distribuição de dotes de casamento e na entrega de pão e roupa. Esta confraria ocupou um papel central de combate à pobreza, embora se reconheça que não chegava a todos, pois os recursos da caridade eram limitados e os pobres cresceram muito ao longo do período em estudo. A partir de 1559, por ordem do arcebispo D. frei Bartolomeu dos Mártires (1559-1581), embora todo o processo tenha sido preparado por D. frei Baltasar Limpo (1550-1558), passou a administrar o principal hospital, local de tratamento dos doentes da cidade e termo. Com o avançar do século XVII, o perfil dos doentes foi-se alterando, ganhando cada vez mais presença os locais, mas também os forasteiros. Sublinhe-se ainda que esta instituição procedia ao tratamento das boubas, ou sífilis duas vezes ao ano, recebendo doentes de toda a diocese.

Acrescenta-se também uma intensa atividade em torno dos pobres, com particular destaque para o seu atendimento com esmolas em roupa, em comida, em calçado, em dinheiro e na passagem de cartas de guia. O investimento nos peregrinos, quer nas dependências existentes no hospital de São Marcos, onde podiam pernoitar até duas noites e as esmolas que lhes eram dadas também, não é de negligenciar.

O desempenho de alguns arcebispos neste campo têm também sido dado a conhecer, através de várias publicações. O apoio fez-se em diversas vertentes, mas as mais conhecidas foram expressas no envio de esmolas aos pobres<sup>13</sup> e às mulheres, quer atra-

<sup>12</sup> Arquivo Distrital de Braga, Ms. 1055, fl. 386.

<sup>13</sup> Consulte-se ABREU, José Paulo. *Em Braga de 1790 a 1805. D. Frei Caetano Brandão: o reformador contestado*. Braga: Universidade Católica Portuguesa/Faculdade de Teologia-Braga; Cabido Metropolitano e Primacial de Braga, 1997, p. 145-192.

vés de dotes em dinheiro para contraírem matrimónio,<sup>14</sup> quer ainda através do recolhimento de Santa Maria Madalena, fundado por D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728). Os arcebispos mandavam comida aos presos, ajudavam mulheres recolhidas com roupa e mantimento, enviavam dinheiro a doentes que se tratavam em suas casas, distribuíam mezinhas da sua botica, ajudavam aleijados e órfãos, não somente através da criação de instituições, mas também com o favorecimento que lhes faziam.

Em tempo de *Se Vacante*, a ação assistencial foi levada a cabo pelo cabido, como se comprova para o período de 1728 a 1741.<sup>15</sup>

Neste trabalho, procuramos analisar a forma como a cronista do convento deu voz à caridade praticada em Nossa Senhora da Conceição, realçando a exercida entre irmãs e destas com os pobres da cidade, demonstrando uma vez mais que apesar das poucas menções deixadas nas fontes, esta forma de assistência existiu e deve ser conhecida. Porém, a análise que efetuamos ao *Jardim do Ceo* possibilita outros enfoques, nomeadamente ao quotidiano conventual, à eleição das abadessas, às festas religiosas, às sociabilidades, entre outros aspetos, o que é comum à literatura saída de conventos femininos.<sup>16</sup>

### A obra, as freiras e a caridade

O *Jardim da madre Maria Benta do Ceu* faz o elogio da instituição desde a sua fundação até ao momento em que o livro foi escrito. No itinerário traçado pela autora, dá-se a conhecer as

<sup>14</sup> ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. "The Archbishops of Braga and their Assistance to the Poor in Early Modern - Portugal". *The Journal of the Mediterranean Studies*, vol. XVII. Manchester: Manchester University Press, USA, p. 97-117, 2008.

<sup>15</sup> DINIS, Celeste, BARBOSA, António Francisco. "Pobreza e caridade: a ação assistencial do cabido bracarense em períodos de Sé Vacante (1728-1741). *Cadernos do Noroeste. Série História*, 3, p. 497-522, 2003. Sobre o cabido da Sé de Évora leia-se PARDAL, Rute. *Práticas de caridade, assistência e controlo social em Évora no Período Moderno (séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Colibri; CIDHEUS, 2015.

<sup>16</sup> MORUJÃO, Isabel. *Por tás da grade: poesia conventual feminina em Portugal (sécs. XVI-XVIII)*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013, p. 598.

virtudes dos seus mais prestigiados membros, destacando o caminho da santidade a que se propunham. Nele, são destacadas mulheres com comportamento exemplares, tornando-se, por isso mesmo mulheres notáveis. Trata-se, neste campo de um exercício apologético, que deve ser olhado como tal. O seu destaque está associado ao binómio religião/caridade e deve ser integrado na literatura da época, que elogiava quer as instituições religiosas, quer alguns dos seus membros, enaltecendo os seus atos. Esta fonte, deve, portanto, ser analisada com as cautelas devidas, devendo o historiador procurar conservar a distância possível e fazer a análise crítica da fonte com que trabalha, pois trata-se de um exercício laudatório destinado ao arcebispo, autoridade suprema da instituição e à Virgem Maria.

Na obra destacam-se os predicados das freias notáveis, sublinhando-se valores muito apreciados nas mulheres em clausura. Esta imagem destinava-se a divulgar um modelo de mulher santa, que devia estimular e desenvolver a devoção noutras religiosas e demais mulheres, ao mesmo tempo que engrandecia a instituição a que estas pertenciam.<sup>17</sup>

O livro inscreve-se nos “relatos edificantes” saídos de muitos conventos e elaborados sob a forma de autobiografias ou biografias de religiosas, onde se procura legitimar valores e comportamentos em curso na Igreja católica.<sup>18</sup> A obra destina-se a preservar a “memória das excelentes, e raras virtudes das mais obedientes filhas desta vossa sagrada Religião”, destacando apenas as que se afirmaram na comunidade pelos exemplos de virtude, caridade, obediência e santidade. Procura enaltecer as virtudes de algumas freias que marcaram a sua passagem na instituição por

<sup>17</sup> NUÑOZ SÁNCHEZ, Fernando. La figura de la abadessa a través de las crónicas franciscanas españolas. In: ATIENZA LÓPEZ, Ángela (ed.). *Mujeres entre el claustro y el siglo. Autoridad y poder en el mundo religioso femenino siglos XVI-XVIII*. Madrid: Silex, 2018, p. 271.

<sup>18</sup> Confira-se ROSA, Mario. A religiosa. In: VILLARI, Rosario (dir.). *O homem barroco*. Lisboa: Editorial Presença, 1995, p. 200.

uma vida dedicada a Deus e aos pobres, quer estes fossem as próprias religiosas, quer estivessem fora da instituição.

Sabemos, no entanto, que estes universos femininos da Idade Moderna foram marcados também por outros aspetos bem diferentes dos enunciados. A intriga, a desobediência e o conflito estiveram presentes e não foram tão raros como se pode pensar.<sup>19</sup> As visitas aos conventos e os despachos exaradas em consequência do observado dão conta de microcosmos em que nem sempre se cumpria a Regra, de espaços de relaxamento dos costumes e até de existência de violência física e psicológica. Se não podemos tomar estas situações como regra no quotidiano da clausura, também não as devemos escamotear.

As biografias das religiosas foram muito comuns nos conventos da Idade Moderna. Estes textos para além de retratarem feitos imemoráveis das freiras, que se distinguiram pela sua perfeição e santidade, deram também a conhecer elementos relevantes do mundo conventual.<sup>20</sup>

Foi na qualidade de escritora da instituição que a madre Maria Benta do Céu escreveu o livro em análise. Nessa função, teve oportunidade de consultar o arquivo do convento, onde colheu muitas das informações que utilizou. O contacto com outras religiosas e o seu próprio conhecimento ajudaram igualmente na redação da obra. Infelizmente, hoje o fundo documental do cenóbio já não integra essas fontes, preservando, todavia, o manuscrito que se encontra publicado e que serve de base ao nosso trabalho, bem como outra importante documentação. O recurso a testemunhos orais foi, provavelmente, também uma via seguida pela religiosa. Estamos ainda convencidos que a autora teria sido influenciada pelas leituras que fazia. O con-

<sup>19</sup> SILVA, Ricardo Manuel Alves da. *Casar com Deus: vivências religiosas e espirituais femininas na Braga Moderna*. Tese de doutorado, Universidade do Minho, Braga, 2011, p. 265-313, 443-451.

<sup>20</sup> Consulte-se para esta matéria ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura. Ensaios de História do Livro e da leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Editora Hicitec, 2004, p. 62.

vento tinha uma biblioteca, sobretudo composta à base de livros de vidas de santos e de outras obras devotas, onde se destacavam os exemplos de virtude, que as religiosas deviam interiorizar, praticar e seguir.<sup>21</sup> Os livros existentes tinham como objetivo aperfeiçoar a devoção, demonstrar a importância da oração, da caridade e cultivar a humildade, o arrependimento e a penitência. As obras hagiográficas existentes no convento disponibilizavam modelos de santidade, que deviam inspirar as mulheres a tornarem-se em exemplos de santidade. Ao mesmo tempo ao fixar e projetar a vidas das religiosas criam memória, através de um mecanismo eficaz de propaganda que é a escrita.

Apesar de não demonstrar grande erudição, Maria Benta do Céu evidencia alguma facilidade na arte de escrever.<sup>22</sup> Era conhecedora de muitas informações e utilizou-as com eficácia. Deve ainda sublinhar-se o facto de ter feito investigação, recorrendo ao arquivo da instituição para produzir memória. No seu *Jardim*, nome do livro escrito, que só por si chama a atenção para as flores existentes nele, recorreu frequentemente a metáforas, exaltando as *flores*, ou seja, as religiosas, a beleza, a alma, e a pureza, numa escrita clara, embora pouco elaborada.

O interesse pela literatura produzida pelas mulheres do clero na Idade Moderna tem crescido nos últimos anos, tornando mais conhecida uma narrativa hagiográfica com carácter propagandístico.

<sup>21</sup> Acerca de livrarias conventuais veja-se BORGES, Célia, Maia. Livros de Devoção e Exercícios Oracionais no Brasil Colônia: a Biblioteca das Carmelitas Descalças no Rio de Janeiro. Séc. XVIII. In: FLECK, Eliane Cristina Deckmann; DILLMAN, Mauro (orgs.). *Escritas e Leituras. Temas, fontes e objetos na Iberoamérica séculos XVI-XIX*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2017, p. 145-158. A propósito da biblioteca do convento e mais tarde do Colégio da Regeneração leia-se PORTUGUÊS, Ernesto. *Monsenhor Airoso-pedagogo-empresário. História do colégio da Regeneração de Braga (1869-1931)*. Braga: Instituto Monsenhor Airoso, 2015, p. 56-57.

<sup>22</sup> Sobre ler e escrever das mulheres na Idade Moderna veja-se XISTO, Ana Maria Xisto Barcia. *Mujeres y cultura letrada en la Edad Moderna*. Tese de doutorado, Santiago de Compostela: Faculdade de Geografia e História, 2016.

## A caridade entre religiosas

Embora a historiografia mais recente tenha recuperado o tema dos conventos, dando a conhecer muitos aspetos não abordados em trabalhos clássicos, sobressaindo o quotidiano como um tema de eleição, o certo é que tem deixado de lado ainda outros assuntos, considerados de menor importância, como o da assistência. O panorama não é específico de Portugal, o mesmo se tem verificado em alguns países europeus onde abundam os estudos sobre estas instituições. Esta matéria não encontra testemunhos nos arquivos, o que à partida pode levar os menos incautos a concluir que não existiu. Porém, hoje em dia há já muitos testemunhos, ainda que diluídos nas fontes, sobre a sua existência e não apenas nos conventos. A caridade era também praticada nos recolhimentos, quer entre iguais, quer com os pobres existentes fora de portas. O facto dos bens doados não implicarem despesa, não figuram nas listas de compras, logo nas parcelas das despesas, pois eram frequentemente restos de comida que eram oferecidos aos pobres que esperavam na portaria pela ração oferecida. Para além de oferecerem comida e roupa, de ajudarem os presos, nos conventos e em alguns recolhimentos existiam recolhidas que cumpriam a tarefa de auxiliar as doentes, sendo denominadas “enfermeiras”. Algumas obras de misericórdia espirituais também não eram mensuráveis, nem deixavam rastros senão nas crónicas das instituições ou nos livros laudatórios das suas mulheres. Estas razões têm levado vários investigadores a não valorizarem as práticas de caridade realizadas nas instituições de reclusão feminina.

As religiosas de Nossa Senhora da Conceição de Braga professavam votos de obediência, castidade e pobreza. Viviam em perpétua clausura, conforme a regra de Júlio II, de 1511 e as Constituições elaboradas pelos franciscanos para as religiosas do mosteiro da Conceição de Toledo. Afirma ainda a madre Maria Benta do Céu que guardavam silêncio no coro e cobriam com “véo o rosto nos actos de Comunidade, e quando comungamos”.

O cenóbio gozou desde os finais do século XVII da prerrogativa de possuir oito criadas para o serviço interno e externo, para além das particulares que as religiosas podiam ter para seu acompanhamento. A autorização para poderem ter criadas só podia ser dada pelo Papa ou por quem tivesse autoridade para o efeito.<sup>23</sup> As serviçais do convento estavam encarregues da cozinha e do forno, competindo-lhes ainda trabalhos no exterior, bem como assistir as freiras mais idosas e as que se encontrassem enfermas e que não dispusessem de apoio particular.<sup>24</sup>

Uma dos percursos seguidos pela autora na obra consiste no destaque conferido às práticas de caridade das freiras para com as suas irmãs recolhidas. Numa altura em que as obras de caridade eram muito valorizadas, as biografias de religiosas exaltam essa vertente, sublinhando a virtude da caridade, enquanto mecanismo salvífico. A caridade era entendida como um meio de salvação, um instrumento facilitador da aproximação ao reino celestial e no caso em apreço um modelo de vida que as outras companheiras deviam interiorizar.

Na análise que efetuou de algumas freiras, a escritã associou a prática da caridade a uma vida de santidade, marcada por jejuns, disciplinas, cilícios e outras mortificações. Através de uma devoção intimista, a freira procurava a união com Cristo, servindo-se também do martírio para a alcançar. A vida destas religiosas pautava-se ainda por idas ao coro, aos oratórios, à igreja e à participação nas vias-sacras.<sup>25</sup> Os sacrifícios eram corporais e es-

<sup>23</sup> *CONSTITUIÇOENS geraes pera todas as freiras, e religiosas sojeitas à obediencia da Ordem de N. P. S. Francisco, nesta família Cismontana*. Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes, 1693.

<sup>24</sup> CÉU, Maria Benta. *Jardim do Ceo plantado no Convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Braga*. Lisboa: na Officina de Manoel Coelho Amado, 1766, p. 25-26.

<sup>25</sup> Muito divulgada na Idade Moderna, a via-sacra era frequentada não apenas na Quaresma, mas também em várias alturas do ano. Existiam vias-sacras públicas e particulares. A Ordem Terceira de São Paulo – Brasil – possuía uma delas, tal como o convento de Nossa Senhora da Conceição de Braga. Para a Ordem Terceira de São Paulo consulte-se MORAES, Juliana de Mello. *Viver em penitência: as associações de terceiros em Braga e São Paulo (1672-1822)*. Tese de

pirituais. Várias religiosas do cenóbio em estudo carregavam a cruz, outras percorriam a via-sacra com a coroa de espinhos, reproduzindo a cena bíblica do Calvário, não se alimentavam, abdicando de falar e de manter contactos com o exterior quase até ao limite, como forma de renúncia à vida secular.<sup>26</sup> Privilegiavam, no entanto, o contacto com o confessor, pois este era fundamental, porque as ajudava a aproximar-se de Deus, ao seguir os seus conselhos.

Como anteriormente referimos, a vida em clausura era marcada ainda por fortes tensões e muitas vezes pelo desrespeito à regra e à clausura. Quando rebentavam as discórdias e aconteciam dissabores, azedavam as relações interpessoais, sendo necessário o patrocínio da concórdia e da harmonia. A freira Jerónima de São Bento foi referenciada como branda nas palavras e comportamentos e patrocinadora do restabelecimento de laços desfeitos entre as irmãs desavindas, cumprindo a obra de misericórdia espiritual de estabelecer a concórdia e fazer as pazes entre as partes desavindas. Lembrava às envolvidas os votos de humildade e a necessidade de exercer o perdão. Ao proceder com amor fraternal, contribuía para a harmonia na comunidade. O aconselhamento constituía outra forma de exercitar a caridade entre iguais. Com o seu procedimento, estava a praticar a quinta obra de misericórdia espiritual, que definia o estabelecimento da paz entre os discordantes, através do perdão aos que erram.

Para distanciar as religiosas escolhidas do microcosmos agitado e nem sempre caridoso com algumas freiras, Maria Benta do Céu distinguia-as pela sua humildade, singeleza, modéstia e

doutorado, Universidade do Minho, Braga, 2009. p. 256. Leia-se ainda MARQUES, João Francisco. O exercício da via-sacra. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.). *História Religiosa de Portugal*, vol. 2. Lisboa: Circulo de Leitores, 2000, p. 577. Outras instituições de reclusão feminina de Braga tinham também vias-sacras, como se verificava no recolhimento de Santa Maria Madalena e São Gonçalo.

<sup>26</sup> Leia-se AGUILERA HERNÁNDEZ, Alberto. "Vida em clausura estúdios de las parentes de los ministros franciscanos conservados en el archivo del Convento de Santa Clara de Borja (1603-1875)". *Cuadernos de História Moderna*, vol. 35, p. 102-105, 2010.

bondade, atributos de elevação que as mulheres da Idade Moderna deviam possuir. Estas mostravam-se magnânimas no apoio às doentes, às mais velhas e até no auxílio prestado às criadas, como acontecia com a madre Custódia Maria do Sacramento, que recomendava conjuntamente com as serviçais, aliviando-as das suas tarefas. Esta era, aliás, uma das vertentes de apoio à comunidade. Várias religiosas auxiliavam as criadas, quer na cozinha, quer no trabalho da limpeza do complexo conventual, participando nas várias tarefas.<sup>27</sup> As freiras desempenhavam-nas apenas para contribuir para o bem-comum e por solidariedade com as serviçais, construindo um perfil edificante.<sup>28</sup> Acompanhavam ainda na doença as enfermas, consolando-as e alimentando-as, colocando-lhes muitas vezes o alimento na boca, quando estas não o podiam ingerir de forma autónoma. A doença podia constituir uma barreira para atingir a santidade, por isso auxiliar na doença as que lutavam pela vida era considerado edificante.<sup>29</sup> Como anteriormente afirmamos, os conventos dispunham de uma enfermaria onde as religiosas doentes eram tratadas por uma irmã, todavia, as restantes freiras deviam ser incentivadas pela abadessa e vigária a visitarem as enfermas e a consolá-las espiritualmente, cumprindo mais uma obra de misericórdia corporal, ao visitar os enfermos.<sup>30</sup>

Em cada uma das tarefas levadas a cabo, as religiosas demonstravam humildade ao envolverem-se em setores pouco dignos, como era a cozinha ou a limpeza.<sup>31</sup>

<sup>27</sup> Os trabalhos que as religiosas deviam efetuar estavam contemplados nas Constituições.

<sup>28</sup> Para uma análise sobre a Ordem de São Jerónimo consulte-se RODRÍGUEZ LUNA, David. Alguns aspectos para el estudio de la caridade en la Orden de San Jerónimo. In: *La iglesia española y las Instituciones de Caridad, Acats del simposium*. Escorial: Servicios Ecurailenses de Investigaciones Históricas y Artísticas, 2006, p. 932-933.

<sup>29</sup> Para este assunto consulte-se SOUZA, William Martins. A "Vida da Madre Jacinta de São José": uma reflexão em torno dos modelos hagiográficos". *Revista Mosaico*, vol. 7, n. 2, 2014, p. 188.

<sup>30</sup> *CONSTITUIÇÔENS*, op. cit., p. 122.

<sup>31</sup> NUÑOZ SÁNCHEZ, Fernando. La figura de la abadessa a través de las crónicas franciscanas españolas. In: ATIENZA LÓPEZ, Ángela (ed.). *Op. cit.*, p. 272.

A assistência às restantes religiosas efetuava-se de maneiras diversas. A religiosa Ana do Salvador, natural de Braga, entrou no convento no momento da sua fundação. Ingressou em 1622 e foi-lhe confiada a tarefa da portaria. Era considerada "tão extremosa a sua caridade que ainda sendo Prelada assistia de noite, e de dia às Religiosas, e mossas doentes, com tanto amor e humildade, que por suas próprias mãos lhes dava os lavatórios e medicamentos".<sup>32</sup> Esta religiosa mostrou-se particularmente preocupada com as enfermas, ajudando-as e consolando-as com palavras e atos. Como desejava viver totalmente desprovida de bens, deu a sua cela a uma outra freira, recolhendo-se na de uma sobrinha.

A assistência às internadas prolongava-se mesmo até à morte, pois várias religiosas ajudavam a bem-morrer algumas das suas companheiras, amortalhando-as e demonstrando caridade, humildade e velando os seus fêretros antes de serem sepultados. Uma boa morte era aquela que tinha sido preparada e decorria num quadro acompanhado. Morrer sozinho era enfrentar a despedida da vida terrena diminuído, uma vez que os acompanhantes do moribundo deviam rezar pela sua alma, auxiliando-o com preces e outros benefícios espirituais.<sup>33</sup>

Ana do Salvador esteve na origem da criação de duas confrarias no convento: a das Almas do Purgatório e a de Nossa Senhora da Agonia, e dedicou parte da sua vida a ajudar os pobres.

Ao longo da Idade Moderna foi frequente o surgimento de confrarias nos conventos, como formas de organização de uma religiosidade coletiva mais intensa, capaz de fazer aumentar a prática religiosa dentro dos cenóbios. Eram quase sempre algumas religiosas que impulsionavam esses movimentos, pagando do seu bolso os custos inerentes à sua manutenção ou a parte das despesas.<sup>34</sup>

<sup>32</sup> CÉU, Maria Benta. *Jardim do Ceo*, op. cit., p. 81.

<sup>33</sup> Para mais informação sobre bem-morrer leia-se ARAÚJO, Ana Cristina. *A morte em Lisboa. Atitudes e representações 1700-1830*. Lisboa: Editorial Notícias, 1997, p. 179-203.

<sup>34</sup> LORENZO PINAR, Francisco Javier. *Conventos femininos y vida religiosa en la ciudad de Zamora (1600-1650)*. Zamora: Editorial Semuret, 2004, p. 154-155.

O ingresso de pessoas com doenças contagiosas nestas instituições estava vedado pelas Constituições. Nelas determinava-se que só podiam ser admitidas à vida religiosa pessoa “sã no corpo [...] e de nenhuma maneira seja recebida a que tiver enfermidade contagiosa”.<sup>35</sup> Esta exigência é demonstrativa da preocupação existente com a manutenção da saúde de todos os elementos que viviam em comunidade. Apesar disso, algumas freiras apresentavam sintomas de doenças. O isolamento na enfermaria era normalmente o caminho seguido como meio de refrear o mal, mas, se, por um lado, essa solução se impunha, por outro, era também estigmatizante. Todavia, algumas religiosas não acataavam os conselhos médicos e abeiravam-se dessas freiras, mimando-as com palavras e a sua presença. Aceitar o sofrimento com paciência constituía mais uma forma de resignação que contribuía para chegar mais perto de Deus.<sup>36</sup> Habitadas à vida em comum, com partilha de quase tudo, quando uma freira se encontrava doente ou mesmo isolada pela enfermidade, as visitas aconteciam com normalidade, pelo hábito que tinham de dividir as alegrias e as tristezas dentro de muros, mas igualmente pela caridade que deviam demonstrar.

### O auxílio a pobres

Para além da distribuição diária feita pelos conventos faziam aos pobres que os procuravam, ofereciam ainda em tempos de crise ajuda aos mais necessitados.<sup>37</sup> Em alguns conventos espanhóis existia a figura do religioso mordomo, que tinha entre

<sup>35</sup> *CONSTITUIÇOENS*, op. cit., p. 76.

<sup>36</sup> Confira-se CARMANE VILARTA, Luz del. Tiempo de muerte en el tiempo de vida. In: RAMOS MEDINA Manuel (coord.). *El Monacato en el Imperio Español. Monasterios, baeterios, recogimientos y colégios*. Navarra: Universidad de Navarra, 1995, p. 577.

<sup>37</sup> Em Vila Viçosa, vários conventos ofereciam refeições diárias aos pobres que se amontoavam às suas portas, aguardando que a alimentação lhes fosse servida. Veja-se ESPANCA, Joaquim José da Rocha. *Memórias de Vila Viçosa*. n. 22. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 1984, p. 70.

outras funções a de distribuir esmolas aos pobres.<sup>38</sup> Uma outra forma de auxílio consistia no enterro gratuito dos que faleciam ou eram colocados às suas portas.<sup>39</sup>

No cenóbio de Nossa Senhora da Conceição existia também a prática de auxiliar as mulheres necessitadas com comida, sendo-lhes servida uma refeição diária, distribuída roupa e concedido apoio espiritual. Os relatos feitos por Maria Benta do Céu sobre algumas religiosas não se limitam à vida em clausura. Por vezes, demonstra conhecer a vida pré-conventual delas, sublinhando o seu carácter benfeitor, ao destacar as esmolas que faziam aos pobres, quando ainda eram muito jovens. Neste sentido, certas freiras procuravam imitar modelos da vida familiar dentro do convento, reproduzindo práticas assistenciais enquadradas nesses modelos. Decalcavam o quotidiano de vida antes de ingressarem na clausura, que integrava a ajuda aos mais necessitados.

Por ser uma instituição de reclusão feminina, os pobres que a procuravam eram somente pessoas do sexo feminino. Talvez, por essa razão, fosse maior a permissividade existente relativa à ação esmolar das religiosas e assim se justifique a frequência de algumas à portaria para trazer comida e outros bens às pobres.

Embora a autora do livro não refira na sua obra, a análise das práticas caritativas neste convento pressupõe, por um lado, a não observância total da clausura, assim como alguns pontos respeitantes à Regra. As pessoas que deviam entrar no cenóbio, bem como as que as religiosas podiam receber e visitar estavam estipuladas nas Constituições e não contemplavam os pobres.<sup>40</sup> Porém, elas acercavam-se do edifício e entravam na portaria onde

<sup>38</sup> PAZZIS DI CORRALES, Magdalena; GARCÍA HERMÁN, David. “Aproximación al modo de vida conventual de los Franciscanos Descalzos. La provincia de San Juan Bautista en el siglo XVIII a traves de los libros de patentes”. *Cuadernos de Historia Moderna*, n. 16, p. 432, 1995.

<sup>39</sup> O convento de São Paulo, de Vila Viçosa, era procurado por muitas famílias para abandonarem os corpos das suas crianças nos seus alpendres, garantindo desta forma um enterro cristão, feito pelos religiosos. ESPANCA, Joaquim José da Rocha, *Memórias de Vila Viçosa*, op. cit., p. 70.

<sup>40</sup> *CONSTITUIÇOENS*, op. cit., p. 101-105.

recebiam comida. As pobres alimentavam-se nesse local, porque as Constituições impediam que pessoas estranhas comessem ou dormissem dentro da clausura.<sup>41</sup> Na semana santa, algumas religiosas mandavam também comida, roupa e dinheiro aos presos da cadeia do castelo, da cidade, dando o que tinham, embora algumas efetuassem peditórios dentro de portas para entregar o alcançado aos pobres. De acordo com as Constituições não era permitido possuir bens na clausura,<sup>42</sup> o que parece não ser totalmente respeitado.

Várias religiosas cediam parte do seu vestuário para entregar às necessitadas, sobretudo no inverno, ficando somente com as peças estritamente necessárias. Como tem sido demonstrado, a roupa era cara na Idade Moderna e para além do resguardo do frio, servia também uma função moral importante, na medida em que vestia o corpo e, neste sentido, era “garantia de dignidade pessoal”.<sup>43</sup> Existe, por conseguinte, uma dimensão material e espiritual conjugada nesta obra de misericórdia.

No *Jardim* de Maria Benta do Céu, os assuntos não surgem arrumados, como gostaríamos, pois os seus propósitos não eram os mesmos que os nossos. A autora fala de mulheres e sobre as suas virtudes, deixa informações sobre as práticas caritativas que desenvolviam. É, portanto, necessário seguir a sua pena para analisar traços comuns a várias freiras e entender o alcance destas práticas dentro dos muros do convento.

Maria Josefa de Jesus, religiosa do referido convento, entrou em 1681, quanto tinha 10 anos de idade. Passou quase toda a sua vida em clausura e foi nela que desenvolveu uma ação assistencial de relevo. Pedia para dar aos pobres, comia com eles na

<sup>41</sup> *CONSTITUIÇOENS*, *op. cit.*, p. 47.

<sup>42</sup> As religiosas deviam viver em pobreza e estavam impedidas de receber qualquer herança. *CONSTITUIÇOENS*, *op. cit.*, p. 10-11.

<sup>43</sup> Veja-se o trabalho de MAGALHÃES, António. “Vestir os nus”: as Misericórdias na prática da terceira obra de caridade corporal”. In: ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (coord.). *As sete obras de misericórdia corporais nas Santas Casas de Misericórdia*. Amares: Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2018, p. 60.

postaria, lavava a louça em que lhes era servido o caldo e cozinhava para mandar comida aos presos da cadeia do Castelo. Para a autora esta religiosa

[...] foi tão observante da santa pobreza que do tudo o que possuía, até os hábitos, e o catre, em lugar do qual ficou servindo de humas tabuas pregadas a dous barrotes, sobre as quaes descansava quando estava doente [...]. Ia pelos Dormitórios pedir algumas esmolos pelo amor de Deos, e nos mesmos Dormitórios comia, ainda que pouco, e levava a mayor parte do que lhe favão aos pobres.<sup>44</sup>

O desprendimento dos bens pessoais e o peditório efetuado demonstram a prática que possuía na angariação de bens para repartir pelas necessitadas que acorriam à portaria. Na Quaresma e Advento, tempos de intensa prática religiosa e de grande simbolismo, a distribuição de esmolos crescia quer por parte das instituições de caridade, quer pelos particulares.<sup>45</sup> A Igreja católica associava estas ocasiões a atos caritativos e edificantes e Ana do Salvador pedia de “[...] joelhos de cella em cella esmolos para os presos e do que ajuntava, e sua irmã lhe dava fazia o jantar, que mandava aos presos do Castello da Cidade de Braga [...]. No trabalho de guizar esta comida na Cozinha, para consolar os encarcerados, achava o maior gosto e allivio”.<sup>46</sup>

A singularidade destas vidas cria uma imagem coletiva de mulheres virtuosas e exemplares, tornando-as mulheres ideais, confirmando arquétipos de religiosas. Definia-se, também por esta via o papel social da mulher em religião.

O auxílio prestado aos presos da cadeia do Castelo é digno de referência, uma vez que estes pobres se mantinham à mercê da caridade dos outros. Obrigados a pagar a carceragem e a dar an-

<sup>44</sup> CÉU, Maria Benta, *Jardim do Ceo*, *op. cit.*, p. 96-97.

<sup>45</sup> Sobre os rituais de caridade das Misericórdias portuguesas na Quaresma leia-se ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. *Os rituais de caridade na Misericórdia de Ponte de Lima (séculos XVII-XIX)*. Braga: Santa Casa da Misericórdia de Ponte de Lima, 2003.

<sup>46</sup> Céu, Maria Benta, *Jardim do Ceo*, *op. cit.*, p. 97.

damento ao seu processo jurídico, muitos, sem quaisquer recursos, tinham na Misericórdia a ajuda que precisavam, mas nem todos eram atendidos. A cadeia tornava-se ainda para vários um mecanismo de pobreza, uma vez que os presos consumiam tudo o que tinham para se manterem no cárcere, não dispendo de sobejos para tratarem dos aspetos judiciais.

Braga possuía na Idade Moderna três cadeias: o Aljube, a do Castelo e a da Correição. A primeira era sustentada pelo arcebispo, mas na segunda, alguns presos eram apenas auxiliados pela Misericórdia ou por alguns particulares que se condoíam da sua situação. A Santa Casa distribuía ao domingo e à quarta-feira comida aos encarcerados, mas no Natal, Páscoa e ainda em outras festas religiosas as refeições enviadas eram melhoradas,<sup>47</sup> como, aliás, se passava em muitas outras cadeias. Todavia, é conhecida a dureza da vida dos cárceres ao longo da Idade Moderna e as privações sofridas pela população detida.<sup>48</sup>

Na cidade, os presos das três cadeias receberam em algumas ocasiões auxílio dos arcebispos, mas igualmente de pessoas particulares. A análise de alguns testamentos tem demonstrado a existência de pessoas que na hora da morte deixavam esmolas para os que se encontravam detidos.

O exercício a que a freira anteriormente citada se submetia, que se alargava à lavagem da louça dos pobres da portaria, e o carregamento da lenha para cozinhar os alimentos distribuídos, faziam parte de um programa que mortificava o corpo.

A vida em clausura obrigava a um total afastamento do século. As visitas eram poucas, ocorriam apenas mediante autorização da madre abadessa e eram sempre vigiadas, quer pela porteira, quer por companheiras encarregues dessa função. Sabe-se, todavia, que a clausura era violada, como aqui se comprova atra-

<sup>47</sup> A propósito do auxílio da Misericórdia de Braga aos presos leia-se CASTRO, Maria de Fátima. *Assistência material e espiritual, op. cit.*, p. 151-198.

<sup>48</sup> Veja-se para este assunto LOPES, Maria Antónia. *Pobreza, assistência e controlo social. Coimbra (1750-1850)*, vol. I. Viseu: Palimage Editores, 2000, p. 524-580.

vés da relação que algumas religiosas mantinham com os pobres que se alimentavam na portaria, pois o convento conservava uma prática assistencial regular, através da distribuição de refeições nesse local.

A entrega de esmolas aos pobres era seguida em outras instituições de clausura da cidade, demonstrando que a caridade se exercia mesmo em circuitos onde a vida se pautava pelo rigor do isolamento.<sup>49</sup> Porém, ela era entendida como um caminho para o aperfeiçoamento, a perfeição e a santidade, estado que as mulheres almejavam, muitas vezes sob pressão dos seus confessores ou de outros homens da Igreja. Considerando que “melhor he dar que receber”, as freiras ofereciam o que tinham e pediam para poder distribuir, acreditando que “fazendo esse benefício”, aos pobres, faziam-se Deus,<sup>50</sup> ou seja, alcançavam a graça divina.

Embora em Nossa Senhora da Conceição várias religiosas participassem na distribuição de comida aos pobres, nem todas degustavam com eles os bens alimentares, o que, aliás, era proibido pelas Constituições, uma vez que eram obrigadas a fazer as refeições em comunidade.<sup>51</sup> A freira Josefa de Jesus não apenas acompanhava no refeitório como “comia com as mais ascorsas na mesma tijela” e ainda lhes dava a sua ração. Todavia, nem sempre a sua ação era bem vista pelas porteiras, pois algumas mais zelosas das suas atribuições mostravam o seu descontentamento. A citada freira chegou mesmo a ser repreendida pela guar-

<sup>49</sup> No recolhimento de Santa Maria Madalena também era prática algumas recolhidas distribuírem comida aos pobres na portaria. Leia-se ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. *Oração, penitência e trabalho. O recolhimento de Santa Maria Madalena e São Gonçalo de Braga (1720-1834)*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2017, p. 75-178. Em vários conventos seguia-se a mesma prática. CORRALES, Magdalena; GARCÍA HERMAN, David, “Aproximación al modo de vida conventual de los Franciscanos Descalzos. La provincia de San Juan Bautista en el siglo XVIII através de los libros de patentes”. *Cuadernos de Historia Moderna*, n. 16, p. 432, 1995.

<sup>50</sup> VIEIRA, Antonio. *Sermam das obras de Misericórdia*. Lisboa: s. d. 1755, p. 20-21.

<sup>51</sup> Com exceção das freiras enfermas, todas as restantes estavam vinculadas a fazer as refeições no refeitório, “contentando-se como pobres, com o muito, ou pouco, que lhes derem”. *CONSTITUIÇÕES, op. cit.*, p. 90.

diã da porta, o que causou escândalo, provavelmente por ser uma prática tolerada pelas porteiras anteriores. Perante o facto, Josefa de Jesus pediu perdão pelo seu comportamento,<sup>52</sup> demonstrando humildade e reconhecendo a sua falta.

A ajuda às mulheres pobres alargava-se à lavagem da louça em que comiam. Este trabalho era feito pela citada religiosa, mesmo quando apresentava muita idade.

A fama da sua santidade<sup>53</sup> chegou ao arcebispo da cidade, que a enviou em 1727 para o convento de Nossa Senhora da Penha de França, de Braga, para nele ser vigária e mestra de noviças.<sup>54</sup> Porém, permaneceu no convento apenas alguns anos, pois a doença fê-la regressar ao cenóbio a que pertencia, onde morreu.

A passagem de mulheres pobres pelo convento era frequente e não acontecia somente à hora da refeição. Os exemplos citados por Maria Benta do Céu patenteiam a procura da instituição por gente que precisava, embora nem sempre as religiosas pudessem satisfazer os seus pedidos, por falta de meios.<sup>55</sup>

A refeição oferecida às pobres à hora do almoço era constituída por um caldo. Temos conhecimento dele através das tigelas em que era servido, mas desconhecemos a sua composição. A análise do livro de despesas também não esclarece, porque a sua confeção era efetuada com produtos saídos da horta ou chegados à instituição por via dos pagamentos dos foros dos caseiros. O convento possuía uma grande horta onde se produzia uma boa parte dos bens consumidos à mesa, mas estamos certos de que, à semelhança do que se passava noutros cenóbios, era preciso com-

<sup>52</sup> CÉU, Maria Benta. *Jardim do Ceo*, op. cit., p. 110.

<sup>53</sup> A propósito de mulheres santas leia-se PAIVA, José Pedro. Missões, diretores de consciência, exercícios espirituais e simulações de santidade: o caso de Arcângela do Sacramento (1697-1701). In: COELHO, Maria Helena da Cruz (coord.). *A cidade e o campo. Coletânea de Estudos*. Coimbra: Centro de Estudos de História da Sociedade e da Cultura, 2000, p. 243-265.

<sup>54</sup> Este convento abriu portas precisamente nesse ano, passando de recolhimento a convento.

<sup>55</sup> CÉU, Maria Benta. *Jardim do Ceo*, op. cit., p. 110.

prar no exterior.<sup>56</sup> Para além do caldo, muitas religiosas deslocavam-se à portaria depois de ingerirem a sua refeição para repartirem pão que lhes tinha sobrado ou mesmo para entregarem parte da sua própria comida. Havia quem o fizesse na presença de todas, mas também que atuasse de forma muito discreta, preferindo não ser vista.<sup>57</sup> Como recomendava a Bíblia, o ato de dar devia ser sigiloso, pois nem a mão esquerda devia ver o que fazia a direita.<sup>58</sup>

Embora muitas religiosas atuassem sozinhas na ajuda aos pobres, havia grupos de freiras que se constituíam, ou já existiam dentro da instituição, que praticavam a caridade. Rosa Maria de São Jerónimo e a madre Maria da Trindade formavam uma dupla para ajudar os mais necessitados. Pediam “com os joelhos em terra, esmolas para eles, e ambas lhe guizavão o comer, lho repartião, e depois lavavão a louça”.<sup>59</sup> O carácter coletivo evidencia o espírito que regia a comunidade num tempo em que a crença nas obras de caridade como meio salvífico era grande, e como refere Ricardo Silva, “contribuía para promover o sentimento comunitário através da comunhão de um conjunto de valores idênticos”.<sup>60</sup> Por outro lado, demonstra a difusão do modelo de mulheres edificantes.

Tal como nas instituições de caridade, onde a contemplação de pobres com esmolas obedecia a critérios, também no con-

<sup>56</sup> O cenóbio pagava um salário a um hortelão que cuidava da horta. Para o convento dos Remédios, da cidade, consulte-se SILVA, Ricardo. Alimentar o corpo e o espírito no convento de Nossa Senhora dos Remédios de Braga no século XVII. In: ARAÚJO, Maria Marta Lobo de et al. *O tempo dos alimentos e os alimentos no tempo*. Braga: CITCEM, 2012, p. 83-84.

<sup>57</sup> A religiosa Filipa Maria de Santo Inácio começou a ser bondosa ainda muito pequena, quando residia com os seus pais, em Braga. Após o ingresso no convento continuou a sua ação esmoler. Era frequente levantar-se da mesa para de forma sigilosa dar parte da sua ração às mulheres que aguardavam na portaria. Quando chegava e elas já tinha abalado, distribuía-a às criadas. CÉU, Maria Benta, *Jardim do Ceo*, op. cit., p. 167.

<sup>58</sup> *BÍBLIA Sagrada*. Lisboa: Editora bíblica, 1999, p. 1258.

<sup>59</sup> CÉU, Maria Benta. *Jardim do Ceo*, op. cit., p. 122.

<sup>60</sup> SILVA, Ricardo. “Incurções pelo quotidiano de uma comunidade religiosa feminina através das visitas: o convento do Espírito Santo de Murça na primeira metade do século XVII”. *Revista Campos Monteiros*, n. 4, p. 294, 2009.

vento em estudo essa premissa era observada. Pelo menos algumas pobres ajudadas eram conhecidas das religiosas ou dos seus interlocutores. A madre Josefa Maria de Belém era muito devota de São José e, por isso, com a intenção de lhe render maior homenagem, mandava procurar pobres com o nome deste santo para que viessem ao convento receber ajuda.<sup>61</sup> Embora estivesse impossibilitada de sair, devido à clausura, a religiosa mantinha relações ao mundo secular, provavelmente através de alguma criada ou de um membro da sua família. O convento e as suas religiosas mantinham, como outros cenóbios, ligações com o exterior. A comunicação era realizada por diversos agentes (criadas, familiares, amigos, procuradores, etc.), e envolvia assuntos distintos, criando um fluxo de informação permanente entre a clausura e o século. Dependendo da variedade do assunto, assim se podia estabelecer maior ou menor comunicação com o exterior.<sup>62</sup> Essas ligações eram normalmente estabelecidas com a autorização da madre superiora, a quem competia em última instância zelar pela vigilância da clausura, mas podia efetuar-se à sua revelia, no anonimato. Quando esta última situação se verificava, contava, normalmente, com algumas cúmplices, como era a porteira. Sem o consentimento da guardiã da porta, mais dificilmente aconteceria. As notícias provenientes do exterior chegavam também com frequência, demonstrando que apesar de estarem fechadas, estas mulheres acompanhavam de perto o que se passava no século.

Como a procura de pobres constituía um assunto nobre, não seria difícil convencer a madre superiora e a porteira a anuírem nesta ação.

A madre Susana Graça do Salvador, quando se encontrava em Chaves, soube da existência de uma mulher pobre adúltera e decidiu ajudá-la, tendo resolvido tomar “à sua conta sustentalla,

<sup>61</sup> CÉU, Maria Benta. *Jardim do Céu*, op. cit., p. 137.

<sup>62</sup> Veja-se a propósito TORRES SANCHÉZ, Concha. *La clausura feminina en la Salamanca del siglo XVII. Dominicas y carmelitas descalzas*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1991, p. 170-172.

só para a tirar da má vida, e com efeito conseguiu o que intentara, porque aquella miserável se emendou”.<sup>63</sup> Ajudar prostitutas era igualmente um gesto muito louvável e esteve de alguma maneira associado à Igreja.<sup>64</sup> Vários bispos fundaram recolhimentos para mulheres perdidas, mostrando quanto valorizavam o arrependimento e a mudança de vida. Com a institucionalização destas mulheres procurava-se que saíssem dos espaços públicos onde davam maus exemplos, podendo arrastar consigo outras mulheres e muito particularmente jovens ou crianças, se arrependessem e dessem uma nova oportunidade às suas vidas. Muitas das que foram internadas não o fizeram por vontade própria, sendo coagidas por familiares ou por outros, mas existiu também quem deliberadamente apostasse na mudança. O internamento obrigava-as a viver em clausura e a ocuparem-se da oração e do trabalho, formas de penitência que contribuiriam para a regeneração. Entendia-se que o ócio levava à perdição, pelo que se reduziam os tempos de lazer, devendo as internadas estarem permanentemente ocupadas.<sup>65</sup>

Existiam também notícias de dádiva de comida aos pobres. A instituição promovia várias festas religiosas dentro de portas, frequentemente associadas aos santos venerados nas confrarias que tinham fundado, mas também no dia de Nossa Senhora da Conceição, no Natal e na Páscoa, entre outros.<sup>66</sup>

A caridade exercida pelas religiosas ultrapassava o quadro da pobreza e estendia-se aos que lhes estavam mais próximos. Susana Graça do Salvador entrou para a vida conventual com 21 anos de idade. Como era considerada muito virtuosa, o arcebispo

<sup>63</sup> CÉU, Maria Benta. *Jardim do Céu plantado*, op. cit., p. 151.

<sup>64</sup> Veja-se para este assunto a obra de ABREU, Laurinda. *O poder e os pobres. As dinâmicas políticas e sociais da pobreza e da assistência em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Gradiva, 2014, p. 172-173.

<sup>65</sup> LOPES, Maria Antónia. *Pobreza, Assistência e controlo social. Coimbra (1750-1850)*. vol. I. Viseu: Palimage Editores, 2000, p. 425-484.

<sup>66</sup> Todos os meses, as freiras faziam uma procissão com velas acesas em honra de Nossa Senhora da Conceição. CÉU, Maria Benta. *Jardim do Céu*, op. cit., p. 146. Sobre festas nos claustros leia-se SILVA, Manuel Alves da. *Casar com Deus*, op. cit., p. 545-562.

D. Rodrigo de Moura Teles (1704-1728) enviou-a para Chaves para fundar um convento, o que veio a acontecer, em 1716. A construção ou remodelação de alguns espaços de reclusão obrigavam os trabalhadores a entrarem na clausura. Essa possibilidade estava consignada nas Constituições, tal como a entrada do médico e capelão. Susana do Salvador mostrou-se muito caridosa com os trabalhadores, mandando-lhes “[...] muitas vezes de comer sua ração só a fim de os favorecer, não sem admiração das Religiosas que vendo isto, lhe ofereciam parte da sua, para que melhor satisfizesse á sua eximia caridade, porque sabião que não podiam dar lhe maior gosto, nem prenda para ella mais estimável”.<sup>67</sup>

A sua ação servia de incentivo a que outras religiosas a iguallassem em procedimentos, levando-as, assim, a praticar a caridade, com os que menos tinham, como no caso em apreço. Enquanto abadessa deveria proceder de forma pedagógica, ensinando os restantes membros da comunidade ao desprendimento e à prática da caridade.

Uma outra forma de ajudar os que se encontravam fora da clausura consistia no envio de imagens sacras a pessoas doentes, o que era frequente na época. Afamadas pelos milagres, essas imagens eram cedidas temporariamente, como gestos caritativos, para consolar enfermos ou apoiar parturientes.<sup>68</sup> Esta modalidade de ajuda foi também seguida no convento de Nossa Senhora da Conceição. Algumas religiosas cediam as suas imagens aos que as solicitavam, acreditando que a presença do sagrado os ajudaria na aflição em que se encontravam.

### Notas finais

Embora a caridade não constituísse o principal objetivo dos conventos, ela integrava o modelo de santidade, estatuto almeja-

<sup>67</sup> CÉU, Maria Benta. *Jardim do Céu*, op. cit., p. 150.

<sup>68</sup> Para este assunto consulte-se ARAÚJO, Ana Paula de Azevedo Duarte. *Saúde, doenças e assistência às populações rurais em Portugal no século XVIII. O quadro minhoto: realidades e representações*. Tese de doutorado, Universidade do Minho, Braga, 2017.

do pelas religiosas e, por conseguinte, prática a seguir. Apesar da literatura conventual ser mais ou menos corrente, a sua análise tem versado principalmente a vertente religiosa, deixando de lado os aspetos caritativos. Neste trabalho demos realce à obra de uma religiosa, escrita no século XVIII, num convento feminino de Braga, estudando-se o texto apenas no referente à caridade praticada pelas religiosas.

Realçadas com Trento, as obras de caridade eram consideradas instrumentos fundamentais para atingir a perfeição e a santidade. Na reflexão que faz das suas irmãs, Maria Benta do Céu dá visibilidade à bondade de algumas colegas, tornando o convento num lugar de esmola, sobretudo do sexo feminino. Esta distinção está diretamente associada ao facto de estarmos perante uma instituição de mulheres, pois o contacto com o sexo oposto era doseado, apenas superiormente autorizado e não permitido diretamente ainda que fosse através de atos de bem-fazer.

Na análise que faz ao desempenho e às vivências das freiras, a autora destaca a forma como algumas delas encaravam a assistência aos mais pobres, entregando-se à caridade como modalidade integrante das suas vidas, devendo servir de modelos para as suas companheiras.

A cronista do convento analisou a ação das freiras em duas vertentes: por um lado, destacou a caridade exercida entre elas, reforçando a ideia de ajuda em vários momentos da vida e da morte; e a praticada junto das mulheres pobres da cidade, dos presos e de outros que solicitavam auxílio. No que se refere ao interior dos claustros, a autora sublinhou a ação de algumas freiras no apoio a outras religiosas, quando estas se encontravam doentes, confortando-as com palavras e a sua presença, às que estavam de partida do mundo terreno, ajudando-as a bem-morrer e às que se encontravam desavindas. Existia ainda quem auxiliasse as criadas, aliviando-as no trabalho. Nesta ação, as religiosas cumpriam várias obras de misericórdia corporais e espirituais.

Uma outra vertente de análise relaciona-se com o auxílio de algumas religiosas aos pobres e presos. Às pobres, as religiosas

distribuíam sobras da sua comida, davam roupa e apoiavam espiritualmente. A atitude de algumas freiras constituía um prolongamento da sua vida pré-conventual, a qual integrava um modelo de vida familiar, que valorizava o auxílio aos mais desfavorecidos. Maria Benta do Céu realça este aspeto, difundindo modelos de vida familiar muito apreciados na época. Ao escrever sobre a meninice de certas freiras, a autora demonstra conhecer a sua ascendência, chamando-a à sua obra também para sublinhar os pormenores em termos caritativos da instituição e dos seus membros. Mas existia ainda quem humildemente fizesse a sua refeição junto às pobres, comendo da mesma tigela e lavasse no fim a louça em que tinham sido servidos os alimentos. Eram gestos muito louvados e sublinhados pela autora da obra em análise.

A distribuição de comida e mesmo de roupa na portaria é demonstrativa da flexibilidade da abadessa, ao consentir que as religiosas interessadas acessem a esse espaço. Faltam pormenores sobre a entrega de alimentação, mas permitiria sempre alguns contactos com as mulheres que procuravam a instituição para receber comida e/ou roupa. Este era o único espaço onde essa entrega podia ser realizada, uma vez que a Regra impedia a entrada no edifício.

Embora vivendo em clausura, algumas religiosas estendiam a sua ação esmoler aos detidos dos cárceres da cidade, pedindo dentro do cenóbio para angariar dinheiro para os ajudar e/ou cozinhando para eles. Salienta-se o caso de uma freira pelo investimento que fazia junto destes pobres, servindo ainda de exemplo a todas as restantes. Desconhecemos os procedimentos para chegar a alimentação aos presos, mas provavelmente seriam pessoas da confiança das religiosas que a transportariam até aos cárceres e a distribuiriam.

Para além destas ajudas, houve ainda quem olhasse para a prostituição com piedade, seguindo os casos bíblicos, ajudando e minimizando o seu sofrimento, quem auxiliasse os trabalhadores em termos alimentares e quem se servisse das suas imagens para consolar na doença. Ou seja, algumas religiosas usavam o que

tinham e recorriam a peditórios na clausura para auxiliar os que mais precisavam, fosse na portaria, nos espaços carcerários da cidade ou mesmo em casas particulares.

Inserida na literatura apologética dos conventos e procurando realçar modelos de santidade, a obra de Maria Benta do Céu prima pelo detalhe e conhecimento das madres do referido convento, dando visibilidade a algumas mulheres pela sua ação esmoler, o que lhes conferia virtude e singularidade. A autora não demonstrando grande erudição, mas usando de grande pragmatismo, do seu conhecimento pessoal e da pesquisa feita ao arquivo da instituição fornece informação muito relevante para um tema muito pouco estudado em Portugal, a caridade dentro dos conventos. Ao mesmo tempo, sublinha as obras de caridade exercidas por algumas freiras, evidenciando o seu carácter edificante e construindo modelos de santidade.